



## **Rede de temporalidade: o Twitter como um “relógio social”<sup>1</sup>**

**Gustavo Pereira ASSUMPCÃO<sup>2</sup>**

**Márcia MALCHER<sup>3</sup>**

**Cynthia CORREA<sup>4</sup>**

Universidade Estadual de Londrina – UEL

### **Resumo**

Esse artigo tem como objetivo principal analisar a percepção de tempo na plataforma Twitter, utilizando como base os conceitos de Tempo de Vida e Tempo de Trabalho, de E. Thompson ampliando-os a outros conceitos de temporalidade. A partir das características do Twitter relacionadas à problemática do tempo, busca-se observar de que maneira a plataforma demonstra a percepção de tempo pessoal dos usuários e de que forma eles podem ser percebidos e representados na ferramenta.

**Palavras-chave:** Tempo; Twitter; Novas Tecnologias; Internet.

### **1. Introdução**

---

1

Trabalho apresentado no DT IJ08 – Estudos interdisciplinares da Comunicação do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

2

Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UEL-PR e-mail [gustavopassumpcao@gmail.com](mailto:gustavopassumpcao@gmail.com)

3

Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UEL-PR e-mail [marciamalcher@yahoo.com](mailto:marciamalcher@yahoo.com)

4

Orientadora do trabalho e-mail [cynthia@uel.br](mailto:cynthia@uel.br)



O Twitter, ferramenta surgida em 2006, tem ganhado corpo e relevância nos últimos anos, tanto pelo grande número de usuários, como pela apropriação de características de outras ferramentas. Resquícios de redes sociais, agregadores de notícias e microblog estão presentes para resultar nas possibilidades atuais da ferramenta. Através do Twitter, usuários podem interagir entre si, com veículos de comunicação e celebridades. O crescimento da plataforma é impressionante. Segundo informações do GigaTwitter, o número de *tweets* era de 1 bilhão em novembro de 2008. Poucos meses depois, em junho de 2009, já superou os 2 bilhões de atualizações (ARAÚJO).

Considerando as principais características do Twitter, como mobilidade, objetividade, instantaneidade e principalmente o seu formato de rede social já mencionado, é possível classificá-lo como uma ferramenta de micromensagens<sup>5</sup>. Assim, o Twitter é mais que apenas um veículo que responde a pergunta “What are you doing?”, questão essa que norteou os passos do serviço em sua ideia germe.

Através dessas novas utilizações, a ferramenta acaba ampliando seu alcance. Além da pergunta “What are you doing?”, o serviço automaticamente questiona “What is happening?”, agregando os principais acontecimentos e notícias de relevância para os usuários. A partir dessas considerações, percebemos que por mais que os assuntos digitados em poucos caracteres sejam diversos (e de origens diversas), os usuários mantêm uma relação temporal quotidiana contínua com o Twitter, que pode ser percebida somente por uma simples observação dos *tweets* postados pelos usuários.

Para esse estudo, enfocamos, portanto, o conteúdo das postagens referentes basicamente à pergunta que originou o serviço “o que você está fazendo?”, já que percebemos que o conteúdo de tais mensagens revela a intenção de coletivização do tempo individual de cada usuário. Para problematizar e explorar a temática “tempo” optamos por relacioná-la tanto às novas tecnologias como aos aspectos sociais e ao contexto histórico, já que acreditamos que ambos estão atrelados.

Foram utilizadas postagens de usuários do Twitter coletadas aleatoriamente para correlacioná-las com os conceitos e perspectivas temporais presentes no artigo.

---

5

Definição de Zago, Gabriela. Em Busca das redes que importam: redes sociais e capital social no twitter. XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.



## 2. Novas tecnologias e tempo midiaticizado

As novas tecnologias presentes nos meios de comunicação dão ritmo ao tempo e pautam grande parte dos rumos dos veículos. Para Denis Simões<sup>6</sup>, investir em novos aparelhos e novidades é uma maneira das empresas competirem em um mercado cada vez mais fragmentado e diversificado.

Na TV, por exemplo, medidas como a flexão do horário nobre ou novas faixas de programação acabam entrando em conflito com as características tradicionais da mídia e modificam a maneira do público consumir bens culturais. A transformação histórica do rádio é um exemplo disso: o aparelho que era quase um móvel na década de 1920, tornou-se portátil e flexibilizou o horário de escuta.

A convergência de mídias é determinante no mercado da comunicação atual. Ao passo que a TV digital tenta aumentar seu público utilizando a tecnologia portátil, o rádio digital inclui até recursos visuais.

Para as empresas midiáticas é importante a relação do tempo do empregado, que é seu público alvo, valorizando o seu tempo da vida, que se contrapõe ao seu tempo de trabalho. É no tempo da vida que ocorre a fruição do produto televisivo, já que diferente da mídia exclusivamente sonora a tevê exige a atenção do espectador, prejudicando um possível ofício simultâneo (pois distrairia o trabalhador). (SIMÕES, 2009, pag.7).

A interação entre mídias se tornou mais fácil com a internet: texto, vídeos e áudios estão interligados por links e acessos rápidos. No twitter não poderia ser diferente. As postagens incluem links nas páginas de cada usuário que conduzem a novos conteúdos.

A facilidade de postar mensagens de qualquer lugar a qualquer momento para um número considerável de pessoas simultaneamente acabou permitindo ao Twitter o caráter do `ao vivo`, típico da TV e das transmissões simultâneas de rádio, com a vantagem do usuário possuir o domínio na produção de conteúdo e ser capaz de postar

---

6

Simões, Denis Gerson. Tempo, digitalização e capitalismo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009



texto, imagem e vídeo em tempo real. Recurso plenamente favorável ao uso jornalístico<sup>7</sup> da ferramenta, inclusive através de marshups, mensagens de acompanhamento minuto a minuto de determinada cobertura. Essas características mostram-se como uma ampliação dos conceitos de Nova Mídia de DIZARD JR:

A nova mídia está expandindo dramaticamente a gama de recursos disponíveis para os consumidores através da Internet e outros canais. Em particular, a nova mídia está começando a prover conexões interativas entre o consumidor e o provedor de informação. Essa capacidade acrescenta uma nova dimensão notável ao atual padrão da mídia de massa, que se baseia em produtos unidirecionais entregues a uma fonte centralizada. (DIZARD JR., 2000, p.40)

Se compararmos a noção de tempo real com o tempo circular da oralidade primária e o tempo linear das sociedades históricas, poderíamos falar de uma espécie de implosão cronológica, argumenta LÉVY (apud LEMOS, 2002, pag.81). Essa pontualidade temporal no agora, criada pelas redes informáticas é o que impulsiona o Twitter. Fato que, de maneira nenhuma, está desvinculado do contexto histórico social em que vivemos.

### 3. Presentificação do tempo

A ideia de modernidade, para André Lemos<sup>8</sup>, significa um modo de julgar e pensar o tempo. Segundo ele, o indivíduo moderno pode ser visto como filho da filosofia das luzes, da emancipação e da universalização da moral ocidental judaico-cristã: ``na modernidade, o indivíduo é o consumidor``.

No artigo em que relaciona os vínculos entre o tempo, indivíduo e vida social, Maria Helena Oliva-Agusto<sup>9</sup> afirma que as teorias sociais definem a ordem social

7

Zago, Gabriela. O Twitter como Suporte para Produção e Difusão de Conteúdos Jornalísticos. 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Bernardo do Campo, SP, SBPJor, 2008

8

Lemos, André. Cibercultura. Porto Alegre: sulina, 2002.

9

Oliva-Agusto, Maria Helena. Tempo, Indivíduo e Vida Social. Revista Cienc. Cult. vol.54 no.2 São Paulo Oct./Dec. 2002.



moderna como “sociedade do trabalho”. Ou seja, o tempo do trabalho – regular, homogêneo, contínuo, exterior, coercitivo, linear e abstrato – é o tempo social dominante. De maneira que os outros tempos sociais existentes são penetrados por seus traços. “Pessoas e instituições lhe estão submetidos, fazendo com que a própria definição de ser social – individual e coletivo – sofra a mediação dos conceitos de trabalho e tempo de trabalho”.

A sociedade moderna encara a possibilidade de futuro no presente. De tal forma que a ideia de progresso sustenta o futuro como algo a ser almejado, alcançado. Por outro lado, alguns autores argumentam que, com a convulsão do tempo, não existe mais memória do passado/ histórica e a possibilidade do futuro é cada vez mais distante.

De acordo com a pesquisadora, o trabalho vem sendo questionado como valor central da vida social, tanto objetiva como subjetivamente. A crise ligada ao fim da percepção da categoria trabalho como o agente central da sociedade sugere a emergência de um novo tempo social dominante, ainda que não plenamente configurado.

O esforço para manter-se em dia com o seu próprio tempo provoca, nas pessoas, o afastamento dos padrões significativos do passado, sem que suas próprias referências de valor se enraízem; com isso, as perspectivas de um (possível) futuro ficam também obscurecidas. Do mesmo modo, a experiência do passado já não garante a base para atuação no presente. (OLIVA-AUGUSTO, 2002, pag.31).

Enquanto antes o futuro era a prioridade, atualmente, o presente passa a ser marcante. Para Maria Helena, a destruição do passado é um dos fenômenos mais terríveis do século XX porque “perdem-se os mecanismos sociais capazes de vincular a experiência pessoal da atual geração à das gerações passadas”, ao passo que a nova geração parece viver um presente contínuo, na busca desenfreado pelo agora.

Ou seja, os elementos de três séculos que antes constituíram a base temporal dos processos sociais (referência no passado, como nas sociedades tradicionais ou futuro, como na moderna) estão sendo dissipados. Está em curso uma re-significação do tempo, caracterizada pela exaltação do presente.



Da mesma forma, André Lemos ressalta: ``se o ano 2000 era ``o`` futuro para a geração do começo deste século, o ``aqui e agora`` é a única saída para a geração do século que começa``.

Na modernidade, o tempo é um modo de esculpir o espaço, já que o progresso, a incarnação do tempo linear, implica a conquista do espaço físico. Na pós-modernidade, o sentimento é de compressão do espaço e do tempo, onde o tempo real (imediate) e as redes telemáticas, desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. O tempo é, assim, um modo de aniquilar o espaço.(LEMOS, 2002, pag.72).

#### **4. Evasão do tempo**

Em seu livro *História, a ciência dos homens no tempo*, José Carlos Reis afirma que até o séc. XIX, os homens negavam a mudança ou a experiência concreta da temporalidade. O autor analisa a fuga do tempo das sociedades primitivas e as formas de evasão das sociedades históricas, para entender as diferentes maneiras porque: ``as sociedades humanas aspiraram sempre à eternidade, à estabilidade, à unidade, a um presente eterno``.

As sociedades arcaicas negavam o tempo e a mudança, de tal forma que recorriam ao tempo sagrado e à imitação dos gestos inaugurais dos rituais. Ou seja, a cada ritual, o tempo era regenerado e reinauguravam a temporalidade: `` o presente une-se ao passado em um presente intenso, em um instante eterno``.

A contradição que vivemos hoje com a evolução contínua dos recursos tecnológicos permite uma analogia com o passado das sociedades arcaicas: ao passo que eles negavam a corrupção do tempo a favor de um presente contínuo, hoje, admitimos a irreversibilidade, mas na forma de uma sucessão sem mudança.

Ora, ao mesmo tempo em que tudo é convulsionado pelo que passa, continuamos no tempo presente, no tempo mítico. A fuga não está nos rituais e na repetição originária, mas sim na mudança ininterrupta. A sociedade atual prefere a sensação de segurança presente não mais no instante eterno, mas na transformação eterna.



## 5. Twitter e percepção do tempo

Como afirma RUIZ (2002) as expressões e a criatividade humanas são padronizadas e (hiper) ligadas em um hipertexto eletrônico global, que modifica substancialmente as formas sociais de espaço e tempo: do espaço dos lugares ao espaço dos fluxos, do tempo marcado pelo relógio ao tempo intemporal das redes.

Dessa forma, os milhões de usuários que acessam o Twitter todos os dias estão interligados às redes de compartilhamento de informações que envolvem outros determinantes relacionados ao Capital Social, como popularidade, visibilidade, reputação e conhecimento (ZAGO, 2009), redes que de certa forma representa uma temporalidade específica.

Além da complexa teia social que envolve a troca de mensagens de 140 caracteres, o Twitter revela o emaranhado de relações que os usuários do séc. XXI estabelecem com o tempo.

O não-ser do tempo sempre instigou estudiosos de várias épocas. A razão está na frase de Santo Agostinho: *o futuro não é ainda, o passado não é mais e o presente não permanece*. A fim de encontrar uma saída para as tentativas fracassadas em tentar apreender teoricamente o ser do tempo, P. Ricoeur sugere a hipótese de que a única maneira de abordá-lo seria pela sua imitação narrativa.

Segundo ele, parece haver uma correlação necessária entre a narrativa de uma história e a estrutura temporal da experiência humana. A narração seria uma abordagem indireta da temporalidade, na qual o leitor reconhece a própria experiência temporal.

Considerando a definição de RIBEIRO (2002, pag. 24), em seu artigo *Finitude, mutações e gozo*, os diferentes tipos de temporalidades podem ser divididos:

*Tempo histórico*, onde o percurso é idealizado de forma linearmente progressiva, podendo haver existência de fases e períodos recorrentes.

*Tempo cronológico*, seria aquele que regula a nossa existência cotidiana, já que é considerado o tempo socializado ou público.

*Tempo físico*, que “ pode ser entendido como a medida do movimento, como a expressão de relação entre anterior e posterior e, ainda, como o próprio processo das mutações, que independe da consciência do sujeito”.



*Tempo psicológico* perde as relações com as medidas de tempo, variando de acordo com o indivíduo, sendo totalmente subjetivo e qualitativo. “Sujeita-se apenas ao registro de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, numa organização determinada por sentimentos e lembranças, que definem “intervalos heterogêneos incomparáveis”.

Ou seja, a narrativa presente no Twitter pode ser considerada uma abordagem temporal de caráter identitário na qual convivem diversos “tempos”. Em todos os *tweets*, o tempo cronológico é marcado pelo horário e data da postagem. Além disso, os demais “tempos” se confundem, como é o caso do *tweet* coletado de forma aleatória:

Hoje em dia, o tempo passa tão rápido que nem ligo quando é segunda-feira. A sexta chega em menos de 3 dias.

5:00 PM Dec 2nd from web

O fato é que a relação temporal estabelecida pelos sujeitos no Twitter demonstra a emergência do que OLIVA-AUGUSTO (2002) intitulou um novo tempo social dominante. A insistência no presente é conciliada tanto pela proposta da ferramenta, caracterizada pela pergunta “O que você está fazendo?”, como por sua característica mais marcante: a mobilidade.

A instantaneidade e a procura por novas tecnologias nos meios de comunicação comprovam a busca pelo “agora”. Fato que revela a mudança na relação do público com as mídias tradicionais, como enfatizou LEMOS (2002). No seguinte *tweet*, está explícita a impaciência ao tempo da TV:

Globo, me faz um favor? Rapidinho, assim, mostra o Couto? Sabe o que é? PARECE que tá tendo uma bagunçazinha, lá! Pode ser?

about 18 hours ago from TweetDeck<sup>10</sup>

Edmond Couchot (2000) diz que a existência de novas técnicas de comunicação digital está mudando as relações humanas com o tempo e, por conseguinte, a própria cultura.

---

10

*Tweet* coletado no dia 7 de dezembro de 2009 às 12h48.





COUCHOT fala da existência de um tempo que ele denomina ucrônico, que seria um tempo não pertencente a nenhum lugar próprio e que se estende a várias dimensões e leis de associações. Esse tempo seria mais facilmente visível em simuladores de realidade e games. O tempo ucrônico teria a particularidade de confundir a percepção do espaço, do movimento, da sucessão dos estados durante uma ação, e suprimiria *o antes* e *o após* comprimindo-os ao extremo.

Ele verifica que a criação de processos colaborativos entre várias pessoas (no caso citando os sites Wikia, mas porque não os expandir ao Twitter) cria uma relação temporal importante:

“Tudo se passa como se a rapidez da interação colaborativa entre os internautas e o site ocorresse como um fator de autenticação das informações: verdadeiro porque rápido”.(COUCHOT, 2000, pag 7)

O autor credita essa busca incessante pela velocidade não a um capricho, mas sim a “uma realidade que nos é imposta, mais ou menos violentamente, pela técnica”. A internet mergulharia seu usuário em uma temporalidade prisioneira do presente em que só o momento atual e o agora importam. Isso se torna reflexo na vida pessoal, onde o indivíduo não aceita mais ter que esperar para ver resultados de suas ações ou até mesmo para realizar determinada ação.

THOMPSON (1998) mescla exemplos da rotina da sociedade pré-capitalista com a rotina de trabalho de sociedades primitivas para tentar compreender de que maneira o tempo industrial foi alicerçado pelo capitalismo.

O autor delinea o impacto social do processo resultante da transformação do tempo em lucro. Na fase pré-capitalista, a contagem do tempo passou a ser exclusividade do patrão, tanto que em algumas fábricas, proibia-se os empregados de possuir relógio de pulso:

Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta. (THOMPSON, 1998, pag.272)



Apesar de alguns teóricos defenderem que o trabalho não é mais o fator central do tempo social, a distinção entre *tempo de trabalho* e *tempo de vida* alicerçado pelo capitalismo determina em grande medida os conflitos que ainda prevalecem na sociedade atual.

Percebemos que o fato do usuário utilizar o Twitter tanto no trabalho como em casa, não é suficiente para diluir o conflito ou “apagar” a oposição entre o tempo imposto e o tempo consentido (lazer):

Às favas com o senso de responsabilidade... amanhã não vou pra aula!  
Pronto!

9:19 PM Nov 28th from web

Tem algo pior que trabalhar domingo cedo?

9:32 AM Oct 18th from web

Sim, tem! Acordar pra trabalhar no domingo cedo, com horário de verão e ter que trocar o pneu do carro antes de sair de casa!  
9:33 AM  
Oct 18th from web

Thompson questionou a respeito de uma conciliação ou novas maneiras de lidar com o tempo automatizado e com o tempo das necessidades humanas:

Se vamos ter mais tempo de lazer no futuro automatizado, o problema não é “como as pessoas vão conseguir consumir todas essas unidades adicionais de tempo de lazer?”, mas “que capacidade para a experiência terão as pessoas com esse tempo livre?”. Se mantemos uma avaliação de tempo puritana, uma avaliação de mercadoria, a questão é como empregar esse tempo, ou como será aproveitado pelas indústrias de entretenimento. Mas se a notação útil do emprego do tempo se torna menos compulsiva, as pessoas talvez tenham de reaprender algumas das artes de viver que foram perdidas na Revolução Industrial: como preencher os interstícios de seu dia com relações sociais e pessoais mais enriquecedoras e descompromissadas; como derrubar mais uma vez as barreiras entre o trabalho e a vida. (THOMPSON, 1998, pag.302).



O Twitter funciona como uma espécie de “relógio social”, no qual as ações cotidianas são compartilhadas e o ponteiro do relógio varia entre a objetividade e a subjetividade. A questão que se coloca é: o Twitter pode ser considerado uma ferramenta que dilui a barreira entre trabalho e vida?

Outras funcionalidades da ferramenta contribuem para um registro temporal importante. É só perceber que os *Trending Topics* (situados na barra lateral do site) indicam os assuntos mais comentados do momento, com base no conceito de tags. Dessa forma, o usuário cria uma relação com os assuntos mais debatidos em um determinado espaço de tempo.

O próprio registro de tempo nos *tweets* também é responsável por uma espécie de marcação temporal. É registrado pela ferramenta, não só o dia em que determinado tweet foi postado, como há quanto tempo isso aconteceu. Dessa forma cria-se uma relação que determina o quão distante do agora determinada postagem está. Outro ponto importante, é a relação entre o momento em que o *tweet* é postado e o momento em que ele é lido pode provocar uma certa confusão na percepção temporal do leitor.

A ferramenta não foi feita para ser utilizada como um registro. A fugacidade é uma característica tão marcante, que os tweets não são totalmente “arquivados”. Somente as últimas postagens podem ser lidas.

No Twitter, os usuários estão ligados por um tipo de realidade, vivendo em uma mesma temporalidade, e consequentemente compartilhando juntos os mesmos acontecimentos (ou eventualidades), mesmo virtualmente. COUCHOT aponta que o risco é mergulharmos em uma temporalidade que nos torne prisioneiros do “agora”, do “momento atual”.

Todas as nossas atividades - da política à economia, passando pelo cotidiano mais banal, o trabalho, a informação, o lazer, a cultura - tendem a funcionar cada vez mais em tempo real, numa impaciência permanente e febril que não tolera nenhuma mediação, nenhum atraso nas trocas. (COUCHOT, 2000, pag 10)

## 6. Conclusão



Como mídia social que faz uso de alta tecnologia, o Twitter funciona como uma espécie de mecanismo que promove um certo aumento da realidade. Através dele, pessoas nas mais diferentes localidades vivem o mesmo tempo, compartilhando acontecimentos que parecem mais próximos do que realmente estão ou possam estar e mais que isso – criando temporalidades particulares. Ao mesmo tempo em que ele permite permanecer em contato com o seu tempo real, ele permite interagir com o tempo do outro – seja esse tempo mera cotidianidade ou acontecimentos mais amplos.

Dessa forma, na relação do usuário com o Twitter, várias temporalidades participam de um processo de fusão, onde existe aquele tempo vivido de forma real e o tempo compartilhado, resultado da simples exposição na rede social de determinado acontecimento. De forma simplista, o usuário faz surgir imagens sintéticas dos mais diversos momentos vividos ou reproduzidos por ele.

O esquema de colaboração em que a interface do Twitter se baseia, promove esse tempo compartilhado, onde as vivências pessoais ganham corpo, ora resultando em processos colaborativos maiores, ora funcionando somente como um mero registro das eventualidades do dia-a-dia.

Acreditamos que o Twitter, apesar de não dissolver as fronteiras entre o *tempo de trabalho* e o *tempo de lazer*, pode ser considerado uma tentativa de conciliar uma resposta ao tempo da mercadoria com o tempo das necessidades humanas, no qual se procura experienciar o tempo pessoal em uma rede social.

O fato é que a natureza da ferramenta comprova a crença no presente, de tal maneira que a validade das relações temporais individuais ainda não refletem o que poderíamos chamar de uma experiência temporal comum.

Dessa forma, criam-se novas relações entre o homem, os acontecimentos e a história. As relações entre passado, presente e futuro sofrem mudanças em suas regras ditas tradicionais, se organizando de forma diferente. A relação homem-tempo deve ser amplamente reconsiderada.

Avaliando a experiência como a possibilidade de uma narração sobre si que possa ser passada ao outro, de maneira que a vida de um seja uma parcela da vida alheia, cabe nos perguntarmos: o twitter é uma ferramenta de experiência ou apenas de vivências?

## 7. **Referências bibliográficas**



ARAÚJO, Paulo Roberto Teixeira. **Twitter: Interação em 140 Caracteres**. Anais do Intercom 2009- Curitiba, PR.

COUCHOT , Edmond. Reinventar o Tempo na Era do Digital. Relato em exposição oral, tradução de Maria Letícia Rauen Vianna, São Paulo, 2000. Disponível em <http://docs.google.com/viewer?>

[a=v&q=cache:evXq\\_Ud0St0J:www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/04/artigos/artigo\\_tematico\\_1.pdf+couchot+tempo+ucrônico&hl=pt-](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:evXq_Ud0St0J:www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/04/artigos/artigo_tematico_1.pdf+couchot+tempo+ucrônico&hl=pt-BR&gl=br&sig=AHIEtbSitDJbWkiVpXTwc8uZnZnqxulR4g&pli=1)

[BR&gl=br&sig=AHIEtbSitDJbWkiVpXTwc8uZnZnqxulR4g&pli=1](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:evXq_Ud0St0J:www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/04/artigos/artigo_tematico_1.pdf+couchot+tempo+ucrônico&hl=pt-BR&gl=br&sig=AHIEtbSitDJbWkiVpXTwc8uZnZnqxulR4g&pli=1)

Oliva-Agusto, Maria Helena. **Tempo, Indivíduo e Vida Social**. Ciência e Cultura, vol.54, nº 2, p. 30-33, São Paulo, Outubro/Dezembro de 2002.

REIS, José Carlos. **História, a ciência dos homens no tempo**. Londrina: Eduel, 2009.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Finitude, Mutações e Gozo**. Ciência e Cultura, vol.54, nº 2, p. 24-26, São Paulo, Outubro/Dezembro de 2002.

RUIZ, O. L. **Manuel Castells e a "era da informação"**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/internet/net16.htm>. Acesso em: 27 ago. 2008.

*SIMÕES, Denis Gerson. Tempo, digitalização e capitalismo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.*

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – RS 17 a 19 de maio de 2010

ZAGO, Gabriela. **Em Busca das redes que importam: redes sociais e capital social no twitter**. XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

ZAGO, Gabriela. **O Twitter como Suporte para Produção e Difusão de Conteúdos Jornalísticos**. 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Bernardo do Campo, SP, SBPJor, 2008.